

## **Ser Médico Militar. Experiências associadas a uma realidade diferente.**

Ser médico era o meu sonho desde que tenho memória de mim. Por isso, o dia em que entrei na Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa foi um dos mais felizes e importantes da minha vida e que ainda hoje recordo nitidamente. Após ter concluído a Licenciatura em 1990, o Internato Geral e o exame de acesso à especialidade, fui incorporado, assim como todos os homens naquela altura, no Serviço Militar Obrigatório. O meu objectivo era, portanto, cumprir alguns meses de “tropa” e voltar à minha vida civil para ser um feliz ginecologista/obstetra. Acontece, porém, que a vida por vezes nos reserva grandes surpresas. Como sempre fui pessoa de ver o copo meio-cheio, encarei o desafio de fazer o meu serviço militar com a atitude de “vamos lá ver o que isto dá”. E afinal, a minha ideia pré-concebida do que era a vida militar, mudou radicalmente. Fui incorporado na Força Aérea e, ao invés de ter encontrado um meio rígido, de disciplina marcial e impessoal, encontrei um meio disciplinado, sim, mas onde a camaradagem era um valor fundamental, onde as pessoas eram como as outras pessoas ditas “normais” e onde se incentivava a diferenciação e a exploração das nossas capacidades humanas e profissionais. Encontrei um local onde podia ser não “apenas” um feliz ginecologista/obstetra, mas onde poderia ampliar e amplificar essa experiência e essa identidade. Tomei então a decisão de ficar. Fui fazer o meu ano de formação militar na Academia da Força Aérea e depois de ter jurado bandeira, juntei à minha condição de médico também a de militar do Quadro Permanente (teria que conciliar o meu juramento de Hipócrates com as minhas obrigações militares e o meu juramento de bandeira onde jurei estar sempre pronto a lutar pela liberdade e independência do meu país, mesmo com o sacrifício da própria vida). Hoje, já como Oficial General, olho para trás e percebo que nunca os meus juramentos estiveram em causa e sempre fizeram sentido juntos.

Assim, ter tomado esta decisão, mudou todo o percurso que eu imaginara para mim ao sair da nossa Escola Médica. Iria ser ginecologista/obstetra como os outros colegas, mas a minha formação militar iria preparar-me para comandar e liderar equipas e serviços, ter uma visão diferente do mundo à luz de outras realidades. Do ponto de vista tecnológico, estava na Força Aérea onde o voo militar trazia desafios da área da Medicina Aeronáutica que desconhecia e com que tive que lidar proximamente, trazia-me desafios de afirmação pessoal e profissional num mundo hierarquizado e organizado de outra forma, mas também me abria janelas de oportunidade para não só aprender, mas sobretudo aplicar, conceitos de gestão em Saúde, mas fundamentalmente de liderança (esta última particularmente importante e infelizmente ainda tão mal compreendida). As novas experiências e dimensões que adquiri ao decidir integrar a vida militar na Força Aérea (algumas delas muito enriquecedoras) são muito variadas, por isso decidi aqui trazer uma experiência que me marcou numa fase ainda precoce da minha carreira militar.

Estávamos em 1991, quando no dia 12 de Novembro, ocorreu o que ficou conhecido pelo massacre do cemitério de Santa Cruz em Díli, Timor-Leste. Estima-se que mais de 300 pessoas terão morrido, num tiroteio sobre manifestantes pré-independentistas por parte das autoridades indonésias. O tiroteio foi filmado por um repórter de imagem que se encontrava na manifestação, as imagens passaram para o exterior e o mundo foi confrontado com a realidade da ocupação indonésia naquele território. O que se passou depois (e antes) não cabe aqui relatar, mas é muito interessante e importante objecto de estudo e reflexão. Acontece que Portugal teve uma oportunidade de ouro para, junto da ONU, fazer ouvir os seus argumentos e levar a que se formasse uma força militar das Nações Unidas para intervenção no território em

Setembro de 1999 e, em Novembro do ano 2000 lá estava eu, Capitão-Médico, em Timor-Leste, com a missão de prestar apoio médico ao destacamento de helicópteros da Força Aérea Portuguesa no âmbito da missão da ONU, denominada UNTAET (United Nations Transitional Administration in East Timor), a que se juntava a responsabilidade de representar a delegação de médicos militares portugueses no território junto da ONU. Também era minha missão no âmbito da UNTAET, assegurar o apoio médico à prisão de Becora em Díli, onde se aglomeravam mais de 100 reclusos em condições inimagináveis e onde as razões da sua detenção, dentro das mesmas celas, iam desde o roubo de uma bicicleta até ao assassinato de uma mulher grávida durante os confrontos prévios à intervenção das Nações Unidas. As condições em que viviam, o tipo de patologias de que padeciam e o ambiente local, dariam material para um filme. Para além disso, era uma oportunidade de ouro para poder oferecer os meus conhecimentos e capacidades àquelas pessoas que saíam de uma realidade profundamente traumatizante e que viviam dificuldades a todos os níveis. Como eu na altura era interno do 5º ano da especialidade de Ginecologia/Obstetrícia, senti que podia fazer a diferença (além de que não existia, quando lá cheguei, mais nenhum ginecologista ou obstetra no território e os médicos eram muito poucos). Assim, ofereci os meus serviços a uma consulta de Ginecologia/Obstetrícia que existia no Hospital António de Carvalho em Díli que contava apenas com três enfermeiras como pessoal clínico e à AMI Timor-Leste que nem sequer enfermeiros tinha (apenas uma senhora curiosa que segurava numa lanterna e se espantava muito quando eu fazia exame ginecológico às doentes). Só desta missão teria muitas histórias para contar, mas isso daria um texto demasiado longo. A missão da ONU tinha acabado de chegar, Díli estava literalmente incendiada e poucos edifícios habitáveis existiam, as pessoas não tinham ocupação e a situação era muito tensa e ocorriam escaramuças frequentemente. As milícias pró-indonésias que tinham realizado massacres ainda andavam a monte e o nível de segurança era muito baixo. No início circulava-se armado e por vezes com colete à prova de bala, o mesmo que púnhamos debaixo do assento do helicóptero sempre que voávamos. Mas a oportunidade de oferecer a minha Medicina àquelas pessoas nunca fez tanto sentido. Como usava no camuflado a bandeira portuguesa, os doentes timorenses olhavam-me com uma esperança nos olhos como nunca mais vi na minha vida e que também me fazia questionar muitas coisas. Quando terminei a missão passei a ver muita coisa de forma diferente e que perdura até hoje.

Como médico militar, a minha visão do mundo é necessariamente diferente. Tive um gosto imenso em partilhar um pouquinho dela convosco. E tudo começou na nossa Escola Médica, hoje a Nova Medical School.

**João Maires**, licenciado em 1990 pela FCML, consultor em Ginecologia-Obstetrícia, Brigadeiro-General Médico da Força Aérea Portuguesa.

Na foto, o primeiro a contar da esquerda, com as enfermeiras do Hospital António de Carvalho em Díli e com o enfermeiro-militar do meu destacamento